

Já temos visto como ele se mostrou conespícuo em matéria de artes plásticas e aplicadas; mas o que não contei ainda, foi como ele inaugurou, com grande orgulho monetário, a sua biblioteca.

Caruru tinha por camarada um adestrado leiloeiro com quem almoçava todo o dia, no *restaurant* mais caro do centro comercial e mais banal do universo, enquanto “madama” sarandava por aí, à cata de compras vultuosas em que ela ganhasse gordas comissões – meio magnífico que encontrara para passar grande parte da fortuna do “Magnífico” para as suas algibeiras.

Esse leiloeiro, o Cosme, viu bem que, até então, só havia ganho com os estupendos lucros ao Caruru almoços e charutos. Era preciso ganhar mais alguma coisa. Falou-lhe em móveis antigos, em curiosidades de mobiliário, de toda a ordem. Caruru, porém, seguindo o conselho da princesa, “madama” só gostava de coisas novas. Esses objetos antigos, dizia ele, consoante a sabedoria da Saúde Pública, têm germens de várias moléstias transmissíveis e ele não ia nisso de morrer agora, quando ganhava dinheiro a rodo e tinha ao lado aquela deliciosa “madama” que o fizera ressuscitar da sepultura do lar burguês e honesto.

Cosme, entretanto, não desanimou de ganhar algum dinheiro graúdo do seu “comensal riquíssimo” de opíparos almoços.

Havia morrido um manipanso célebre do foro, dos pareceres e dos *apedidos* do *Jornal do Comércio*, e Cosme tinha que lhe vender a biblioteca em leilão. Era de fato preciosa, mas os livros preciosos e caros estavam virgens, até de traças.

Cosme, logo que pôs a livraria no armazém, tratou de seduzir o amigo para lhe comprar uns lotes.

– Não sabes Caruru que livros raros há na biblioteca do conselheiro Encerrabodes!

– Estrangeiros?

– Não; nacionais. Os livros nacionais, quando rareiam, são mais raros do que os estrangeiros.

– Porque?

– Porque, aqui, não há amor aos livros, de forma que eles não são conservados de pais a netos. Ao contrário do que acontece na Europa, onde os herdeiros quase sempre guardam as relíquias, inclusive os livros, dos avós, sendo por isso fácil encontrar duplicatas, triplicatas e mais.

– Então tens verdadeiras preciosidades?

– Tenho.

– Quando é o leilão?

– Amanhã.

– Vou lá, disse Caruru com o ar de um valentão que diz para outro: “Comigo é nove e tu não tiras farinha.”

Despediram-se e Cosme logo tratou de achar um comparsa que “picasse” os lances de Caruru.

No dia seguinte, o corretor lá estava, Cosme distraiu-o até começar o leilão. Puseram em lotação uma obra cujo título ele não ouviu bem. Um sujeito disse:

– Dois contos de réis.

Cosme, piscando o olho para Caruru, gritou:

– Quem dá mais?

O “Magnífico” berrou:

– Dois contos e quinhentos.

O comparsa do leiloeiro berrou:

– Três contos!